

A criação da Disciplina de Filosofia e Culturas Lusófonas no Espaço de Ensino Superior Lusófono – Utopia ou Possibilidade?

Filipe Abraão Couto^a

Resumo

Pretende-se, com este artigo, propor para todo o espaço de ensino superior lusófono, a criação e implementação de uma disciplina denominada Filosofia e Culturas Lusófonas. Numa primeira fase, partir-se-á da premissa de que existe efectivamente uma controvérsia em torno da existência de uma filosofia “nacional” em cada um dos países lusófonos. Este ponto “divergente” poderá ser o motivo de convergência geral para a criação de uma disciplina de Filosofia e Culturas Lusófonas. Numa segunda fase, reflectir-se-á enquanto consequência deste empreendimento, a possibilidade de um espaço de criação de pensamento próprio lusófono.

Palavras-Chave: Filosofia Nacional; Filosofia e Culturas Lusófonas; Filosofia Lusófona. Lusophone Higher Education space

Abstract

With this article we intend to propose, for all the entire Lusophone Higher Education space, the creation and the implementation of a subject called Philosophy and Lusophone Cultures. At first, we will start from the belief that there actually exists a controversy regarding the existence of a “national” philosophy in each of the Lusophone countries. This “diverging” point could be the motif for the general convergence towards the creation of a subject of Philosophy and Lusophone Cultures. In a second phase, we will reflect on, as consequence of this project, the possibility of existing a space of creation of an own lusophone thought.

Key-words: National Philosophy; Philosophy and Lusophone Cultures; Lusophone Philosophy.

^a Professor Auxiliar no Instituto de Ciências da Educação do Uíge, Angola.
Correio electrónico: filipeabraao27@hotmail.com.

I

São sabidas as controvérsias que existem em torno da questão das filosofias “nacionais” onde várias vozes impugnam a existência ou não existência de uma filosofia portuguesa. Da mesma forma, o debate sobre a existência de uma filosofia brasileira mantém-se bastante acesa, tal como a discussão filosófica e literária sobre a existência de uma filosofia moçambicana ou de uma filosofia africana. O que se coloca em questão, de uma forma geral, não se atendendo às especificidades e problemáticas filosóficas de cada país, é se existe uma filosofia original “nacional” que responda às grandes questões universais e se a mesma é ou não sistematizada ou “filosófica”. As opiniões variam, nos vários países que falam a língua portuguesa¹, e as perspectivas são multilaterais e multifacetadas. Não pretendemos, com este artigo, reflectir se a filosofia existe ou não quando surge como resposta aos problemas de um país em particular, ou se podemos considerar filosofia a ideologia que uma nação possui ou possuía no passado, ou mesmo se consideramos filosofia uma forma de pensar não sistematizada e não convencional. O que se pretende, tendo em conta a especificidade de cada país e as suas raízes histórico-culturais, políticas e sociais, é atender às suas controvérsias filosóficas que, de uma forma geral, são uniformes em todos os países que também falam a língua portuguesa. O problema português é também e afinal um problema brasileiro, mas também é africano, como se comprova com o pensador Moçambicano Severino Elias Ngoenha:

A etnofilosofia que alguns defendem com toda a energia que têm e que outros atacam com toda a veemência que lhes é possível, tornou-se pedra angular da filosofia africana, em volta do qual gravita todo o processo de reflexão. Qual a razão desta associação? A nossa reflexão que se quer filosófica, isto é, universal e voltada em direcção ao futuro, deve embater necessariamente no discurso etnológico, que é particular e voltado para o passado?².

¹ Nota muito importante: propõe-se a designação Filosofia e Culturas Lusófonas porque, até ao momento, não existe outra designação mais apelativa para o termo lusofonia. Sabe-se que esta designação tem uma carga negativa muito forte, sobretudo para os PALOP, que, na sua generalidade, não se revêem nesta definição. É evidente que esta disciplina poderá ter outra designação, muito mais apropriada para países multilingues cujas línguas nacionais não são a língua portuguesa. Desta forma, apela-se ao leitor que considere a designação “Filosofia e Culturas Lusófonas” como uma designação transitória. O que está aqui em questão é a proposta de união e reunião entre diferentes tipos de epistemologias que certamente poderão enriquecer o debate filosófico e não propriamente o termo em si. Mesmo assim, por forma a nos fazermos compreender, decidimos enveredar pelos termos dúbios “lusófonos” e “lusofonia”, embora se saiba que são termos arriscados, que muitos investigadores africanos, sul-americanos e europeus condenam de forma irrevogável. Pedimos, desta forma, que se considere a ideia e não tanto a designação da disciplina, que certamente evoluirá para outras designações mais consensuais.

² Cf. NGOENHA, Severino, *Das Independências às Liberdades – Filosofia Africana*, Editora Paulinas, Moçambique 2014, p. 12.

Afinal, existe uma filosofia africana ou filosofia em África? Existe uma filosofia portuguesa ou filosofia em Portugal? Existe uma filosofia brasileira ou filosofia no Brasil? Existe uma filosofia angolana ou uma filosofia em Angola? As mesmas questões são direccionadas para Cabo Verde, Moçambique, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor, entre outros. É muito importante realçar que este artigo não discute a existência ou não de uma filosofia específica de cada um dos países que falam a língua portuguesa. Existindo ou não uma filosofia em algum destes países, o que este trabalho apenas pretende assinalar é a sua controvérsia comum contínua em torno desta temática.

Contudo, a alegada falta de sistematização filosófica comum a todos os países de língua portuguesa, se assim quisermos chamar, ou a polémica alimentada em torno desta temática, não representa, a nosso ver, uma desvantagem. Se partirmos da premissa de que existe efectivamente uma controvérsia em torno da existência de uma filosofia em cada um destes países, o mínimo que podemos constatar é que todos estes países são unânimes quanto ao facto de terem dúvidas em relação à existência de uma filosofia em particular. Estamos a falar de todos os países que falam a língua portuguesa. Quem é que pode garantir que esta visão que estes países têm do mundo e mesmo de si próprios não representa uma forma peculiar de estar no mundo, de sentir o mundo e, talvez, de considerar a filosofia até agora compreendida enquanto tal, como apenas uma visão parcial e fragmentada do universo? A este propósito, segundo António Quadros:

É impossível ao pensador português conceber o sistema, ou seja, o continente fechado. Diante de si está sempre aberto ao infinito, até ao impossível. Por causa das descobertas, a filosofia, para os portugueses, “é a arte de viajar espiritualmente [...]”. É pois estranha ao nosso ideal a filosofia feita e perfeita, a filosofia que se utopiza já chegada, a filosofia sedenta de absoluto e de universal, a filosofia que não é multiplicidade de vias e não suscita o pensador aventureiro e viajero³.

Diante desta estranheza perante as filosofias acabadas e sistematizadas – as ditas filosofias “autênticas”, são já notórias as vozes provindas do continente africano que também se interligam neste ponto de vista, como refere o filósofo africano Maurice Makumba:

A filosofia africana, por isso, tem de reconhecer a sua contribuição essencial, mas parcial, para se atingir a meta humana da própria satisfação. Contribuição essencial, porque a pessoa africana é parte integral da família humana. Parcial, porque a filosofia africana não pode pretender conter

³ Cf. QUADROS, A., *O que é o ideal Português*, Tempo de Pensar, Lisboa, 1962, pp. 35-37.

toda a verdade acerca do ser humano. Isto aplica-se a qualquer outra filosofia, onde quer e sempre que ela desponte⁴.

A justificação da necessidade para a filosofia africana ir ao encontro de toda a verdade acerca do ser humano, aplica-se, igualmente, a todas as filosofias nacionais no sentido de abrirem as fronteiras do seu olhar para o outro, para outras formas de estar e de sentir, para outras formas de pensar convencional e não convencional, tal como sugere Senghor:

Cada continente, cada raça, possui os traços do Homem. Até a este século XX, não desenvolveu senão alguns, desdenhando os demais e apresentado desta forma um rosto mutilado do Homem: uma civilização. Nesta confluência do século XX é necessário que intercambiemos os dons recíprocos para edificar a única civilização realmente humana⁵.

Esta necessidade de “intercambiar” os “dons recíprocos” está desde há muito tempo presente na cultura portuguesa, tese advogada por muitos pensadores portugueses, um dos quais Eduardo Lourenço: “enquanto cultura europeia moderna, uma das originalidades da nossa cultura (a lusa) foi a de ter sido, entre os séculos XV e XVII, expressão singular e multiforme do olhar europeu sobre outras culturas, e o que não é menos importante, reflexo do olhar do outro sobre a Europa”⁶. Esta sede, porém, do olhar sobre o outro, não se esmoreceu com o nevoeiro do tempo, nem sequer com as independências e liberdades recentemente conquistadas pelos países que falam a língua portuguesa. Se a história fez encontrar e desencontrar homens de culturas e mentalidades tão diversas que, de certa forma, se interpenetraram nas suas formas de estar, não se encontra uma razão para não se continuar a fomentar este encontro. Neste sentido, Maurice Makumba refere que “A história de África fala de uma interação contínua entre África e outras culturas, e a filosofia africana não deve hoje querer reverter essa interação”⁷.

Estas são algumas das razões que sustentam a nossa proposta para a criação de uma disciplina de Filosofia e Culturas Lusófonas no espaço de ensino superior lusófono. Isto é, a criação e implementação de uma disciplina em todas as universidades e instituições de ensino superior no Brasil, em Angola, Moçambique, Portugal, Cabo Verde, Guiné

⁴ Cf. MAKUMBA, Maurice, *Introdução à Filosofia Africana – Passado e Presente*, Editora Paulinas, Angola, 2014, p. 14.

⁵ Cf. SENGHOR, L., S., “Ce que L’Homme Noir Apporte. L’Homme de Couleur” in *Antologia Lírica*, preparada por Castellaneta. C., Sansoni, Milano, 1969, p. 309.

⁶ Cf. LOURENÇO, Eduardo, *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*, 2ª Edição, Gradiva, 1999, p. 38.

⁷ Op. Cit., p. 15.

Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor, entre outros países ou regiões interessadas. Não podemos negligenciar a possibilidade, até agora para nós desconhecida, de que já tenha sido criada uma disciplina com as finalidades que estamos a apresentar, talvez com outra designação. As unidades de investigação desta área do saber também são escassas e, quanto muito, são raras aquelas que se dedicam a investigar as problemáticas da filosofia africana e de outras em simultâneo. Quanto muito, as disciplinas de âmbito intercultural têm uma palavra a dizer neste sentido, e muito têm contribuído nas investigações sobre o outro. Mas, muitas vezes, a componente filosófica fica comprometida. Neste aspecto, o estudo da filosofia luso-brasileira ocupa um lugar de destaque, tendo em conta o desenvolvimento económico do Brasil nas últimas décadas, o aperfeiçoamento ao nível de investigação tecnológica, científica e filosófica, bem como, os graus de parentesco que Brasil e Portugal comungam. Mas, apesar de os trabalhos serem frutíferos e inspiradores, não deixa de ser verdade que o espaço de diálogo e reflexão pressupõe somente uma relação a dois, colocando os restantes actores num cenário de fundo, secundarizando a sua voz, remetendo-os para uma posição meramente transversal e, muitas vezes, periférica ou marginal.

Como já foi referido, o ponto de encontro de todas estas culturas e formas de pensar distintas reside na sua unanimidade quanto à controvérsia da existência de uma filosofia nacional autêntica. Este poderá ser o ponto de encontro, mas também de partida. A controvérsia universal dos países que falam a língua portuguesa poderá muito bem ser o ponto de convergência entre os países, e a divergência das suas formas de pensar poderão ajudar a encontrar caminhos alternativos e até mesmo confluentes para este e outros problemas filosóficos, culturais e interculturais. A disciplina de Filosofia e Culturas Lusófonas estudaria não só a filosofia nacional própria do país, os seus principais temas e problemas, a sua história da filosofia e o pensamento dos seus filósofos, como também investigaria a filosofia e cultura de outros países, de uma forma multiforme ou direccionada conforme as orientações pedagógicas e científicas e interesses subjectivos de um grupo ou investigador. Não se pretende afirmar com tudo isto que se deve prescindir, numa primeira fase, das disciplinas que visam o estudo e a investigação das “filosofias nacionais”. A introdução de uma disciplina de filosofia e culturas lusófonas não valida a “extinção” da disciplina de Filosofia Brasileira ou Filosofia e Cultura Portuguesa, ou a Filosofia Africana. Tudo dependerá das ilações consideradas, a este respeito, pelos órgãos deliberativos próprios para o efeito.

II

Para além deste ponto de encontro, de chegada e de partida sugerido, não podemos ignorar o facto de todos estes países da lusofonia partilharem um conjunto de marcos culturais, sociais e humanos que a história fez encontrar e desencontrar. É inegável que, apesar das divergências radicais nas formas de estar e de pensar entre alguns países da lusofonia, as afinidades linguísticas e culturais constituem-se como elementos preponderantes e decisivos que permitirão a aproximação e convergência destas nações, para se estudarem mutuamente, para compreenderem os seus anseios mais profundos, para, no fundo, se conhecerem melhor e ultrapassarem em conjunto as angústias de um passado conturbado e confuso, de forma a erradicar e superar qualquer fôlego ou pretensão neocolonialista entre estes países. Da mesma forma, os ecos apologéticos do “síndrome do oprimido” devem ser combatidos, por mais tempo que possa levar, para dar lugar a um encontro entre iguais que, sem dúvida, fará a diferença no futuro. Uma disciplina de Filosofia e Culturas Lusófonas permitirá o encontro de pensamentos diversos, de perspectivas diferentes, bem como de um conjunto de abordagens metodológicas e filosóficas peculiares sobre qualquer tema-problema que, certamente, só irão enriquecer o debate e a descoberta da verdade.

Para além das contribuições de cada país lusófono para o debate e enriquecimento, em primeiro lugar, das filosofias nacionais, nada nos garante que surja, a médio ou a longo prazo, por consequência deste empreendimento, consciente ou inadvertidamente, um espaço de criação de pensamento próprio. Isto porque a vantagem de haver dúvidas quanto à existência de uma filosofia num destes países, se é que podemos colocar a questão desta forma, é que lhes é permitido ainda fazer tudo, de todas as maneiras. Ou seja, talvez possamos, tal como afirma Fernando Pessoa “ser tudo de todas as maneiras, porque a verdade não pode estar em faltar ainda alguma coisa”⁸. Por outras palavras, como estes países alegadamente não possuem uma “filosofia sistematizada” – perspectiva do pensamento ocidental, têm a liberdade para imaginar tudo e de deixar a codificação da existência humana para os outros. A este propósito, Kwasi Wiredu afirma que:

O sábio filosófico pode, por conseguinte, envolver-se num diálogo sem qualquer espécie de receio. Isto significa que, embora não tenha sido inicialmente influenciado por outras tendências intelectuais, devido ao seu escrutínio e abertura de mente, o sábio filosófico pode inculcar as

⁸ Cf. PESSOA, F. *Os Portugueses, Quinto Império*. Entrevistas a Fernando Pessoa. p. 40,

influências externas, ou seja, as ideias, na sua corrente de pensamento, assim que estas sejam percebidas como benéficas”⁹.

A investigação dos problemas filosóficos a uma escala intercultural e intercontinental, entre os países que falam a língua portuguesa (e não só) poderá ter resultados imprevisíveis que certamente enriquecerá o debate filosófico e a aproximação, na diversidade, entre os mesmos. Neste sentido, Leonardo Coimbra considera que:

A tragédia do homem está na ignorância de si e do universo em que vive, ou antes, convive. A sua vida é uma relação, ou melhor, um sistema de relações com esse universo. A felicidade seria o acordo e a harmonia dessas relações, de modo que ao crescimento do homem em conhecimento e amor correspondesse o alargamento totalizante dessas relações e o seu aprofundamento significativo¹⁰.

Num cenário onde perdura a falta de ideias a nível mundial, a ausência de projectos que visem o bem-estar de todos e não só de alguns, a coroação da economia selvagem e desumana como porta-estandarte da era contemporânea, o desemprego galopante, a pobreza extrema, os grandes problemas ecológicos e o alto grau de conflitualidade política e religiosa, torna-se urgente a procura e criação de alternativas antropológicas e filosóficas que apontem novos trilhos rumos. É neste contexto que, numa segunda fase, pode surgir a disciplina de filosofia e culturas lusófonas, jamais enquadrada num conjunto de objectivos egocêntricos de pretender descobrir a verdade universal, permanente e fechada, em que contenha toda a verdade acerca do ser humano, mas de pretender estabelecer pontes para os outros eus, que, na verdade, nunca deixam de ser nós próprios, pois cada continente, cada raça, possui os traços do homem. Talvez também seja neste contexto que poderá surgir a tão desejada comunidade lusófona na sua essência, equidistante dos interesses económicos e políticos que, tal como Miguel Real profetiza, “deverá provocar uma espécie de choque cultural radicalmente subversor dos valores dominantes no mundo contemporâneo”¹¹. A este propósito, convém relembrar o filósofo luso-brasileiro Agostinho da Silva sobre que tipo de filosofia pode provocar este “choque cultural” subversor no mundo. De acordo com o pensador, uma filosofia “interessante”, será uma filosofia que englobe todas as outras filosofias numa só, uma “filosofia que realize todas as potencialidades que o Português tem dado mostras, portugueses de

⁹ Cf. WIREDU, K., *apud* MAKUMBA, Maurice, *Introdução à Filosofia Africana – Passado e Presente*, Editora Paulinas, Angola 2014, p. 140.

¹⁰ Cf. COIMBRA, L., “A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre” in *Obras de Leonardo Coimbra*, Vol. I, Porto, Lello e Irmão Editores, 1983, p. 634.

¹¹ Cf. REAL, MIGUEL, *A Vocação Histórica de Portugal*, p. 135.

Portugal, portugueses do Brasil, felizmente bem laçados de índio e de negro, portugueses de África, tribais e pretos [...] ¹². Uma filosofia universalista e absoluta, nunca totalmente fechada e encerrada em verdades eternas, eis o que podem almejar os povos de língua portuguesa. Uma filosofia que vá ao encontro de todos os sistemas de pensamento, uma filosofia que vá ao encontro de todas as religiões, uma filosofia que pressuponha o interesse geral de todos, e não exclusivamente do seu país.

¹² Cf. SILVA, A., *Resposta a Inquérito Sobre a Filosofia Portuguesa*, in *Ensaio Sobre Cultura e Literatura II*, p. 260.